

A CULPA É DAS ESTRELAS

A primeira vez que li uma obra do John Green não gostei do texto e muito menos da história. Mergulhei de cabeça na leitura de “Quem é você, Alasca?”, mas terminei me frustrando e decidi que a única chance que daria novamente a escrita do John seria com “A culpa é das estrelas”. Surpreendentemente, sua narrativa evoluiu! A história aqui é romanticamente triste, ironicamente espirituosa e, sem dúvidas, inevitavelmente tocante.

Em um enredo cujos protagonistas são adolescentes com câncer, Hazel Grace e Augustus Waters mostram que apesar de tudo e no final das contas, isso é o que menos importa. Obrigada a participar de um Grupo de Apoio, pois sua mãe se convencerá de que Hazel estava deprimida, ela amargamente se arrasta a cada semana até as reuniões onde, certo dia, aparece o Gus para lhe dar a honra de sua presença intrigante. Havia um ano e meio que ele não tinha evidência da doença, enquanto Hazel continuava mantendo o tratamento e se considerava uma granada, pronta para explodir a qualquer instante.

Com a proximidade, eles passam a dividir descobertas e afinidades, envolvidos pela instigante obsessão de Hazel pelo livro “Uma Aflição Imperial”, que se torna o improvável estímulo a formação do casal. Então, Gus decide dar um jeito de levá-la ao encontro de Peter Van Houten, o recluso autor daquela obra, só que o problema é que ele mora em Amsterdã, enquanto os dois se encontram nos Estados Unidos e uma viagem longa requereria todas as cautelas necessárias a condição de saúde de Hazel. Mesmo assim, eles partem nessa aventura, por um lado frustrante, por outro completamente envolvente e emocionante. Eu diria ainda, memoravelmente intensa e edificante.

O livro mostra a repercussão do câncer na vida daqueles que convivem e lutam pela cura, e também dos que participam direta e indiretamente de suas rotinas. Só que isso não é tudo, nem o sobretudo. O John Green construiu uma história além, que chama atenção para os valores que diariamente se renega na falsa impressão de infalibilidade de saudáveis vidas. E a verdade é que não há garantias. Para todas as pessoas o que existe é o hoje, onde quer que estejamos, no exato instante em que nos encontramos. É preciso viver e se entregar mesmo que as perspectivas não sejam as que desejamos. Isso eu aprendi com a Hazel e o Gus, pelo amor que nutriram diante de tantos desenganos.

Foi gratificante ler esse livro, ainda que eu tenha chorado em vários pontos. É certamente uma leitura que eu espero que vocês façam, e quando acabarem, voltem aqui e deixem nos comentários um “okay”, pela esperança, para que se perpetue uma bela lembrança!

:-D